

A EDUCAÇÃO DA NOVA ERA

Saudações, queridíssimos amigos, que cada um de vocês seja abençoado. Estamos aqui reunidos para gerar verdade e luz. A palestra desta noite vai tratar da educação na nova era – a era que está chegando, que está pressionando a matéria resistente do antigo, que não quer ceder facilmente. Contudo, irá ceder. A nova era, inevitavelmente, criará seres humanos do mais elevado calibre em todos os aspectos. Um determinado percentual dos espíritos encarnados já está pronto para uma abordagem totalmente nova da vida – a abordagem que vocês estão aprendendo e com a qual vocês fazem ingentes esforços para avançar até o âmago do seu próprio ser.

Como pré-requisito fundamental, a educação da nova era precisa abrir espaço, acima de tudo, para o conhecimento que vocês adquirem com base nos princípios deste caminho, para o conhecimento dos níveis humanos da consciência e das interações dos diversos níveis. Talvez vocês já estejam percebendo que isso pode ser ensinado a crianças – ensinado não apenas como uma teoria, mas como uma experiência a ser vivida.

A educação precisa ser uma via de duas mãos. Em primeiro lugar, ela deve revelar o que existe no eu superior – sua singularidade e seus potenciais ilimitados de criatividade de todas as maneiras que se possa conceber. Cada pessoa encarnada tem uma contribuição única a fazer à sociedade. É preciso aproveitar essa potencialidade, é preciso criar um canal para ela com plena consciência do processo. O outro aspecto é encaixar o aprendizado de fora, sem o que é quase impossível a revelação. Essa dupla abordagem precisa ser considerada como um processo em contínua alternância. Não é possível extrair o que está dentro se não houver conhecimento, se não houver conceito, se não se abrir espaço para a riqueza do mundo que existe no universo interior. Se o foco não for para abrir espaço para essa riqueza, se não se disponibilizar um processo de sintonização, o canal para reconhecer o potencial interior não será aproveitado. Mas se vocês ensinarem esse processo de sintonização, se ensinarem que existe outro nível de consciência, de percepção, pouco a pouco como vocês aprenderam a fazer, as crianças também aprenderão a descobrir a linguagem da realidade divina interior. As crianças vão aprender a ouvir, a perceber, a reconhecer.

No entanto, isso não significa deixar de aprender o conhecimento fundamental que todas as crianças precisam aprender nesta era que finda e na próxima era. Mas agora só existe espaço para uma direção, e não para a outra. Essa abordagem de alternância é o que realmente importa. Uma não deve ser substituída pela outra – ambas são importantes. Não se deve cultivar uma em detrimento da outra, como a humanidade costuma fazer tantas vezes nessas questões.

Se vocês se dirigirem à criança com esse duplo propósito, vai surgir um processo muito diferente de aprendizado e educação. A voz interior será audível quando suas leis forem entendidas. O

aprendizado das leis, das armadilhas do eu inferior – que quer fazer ouvir a sua voz – deve passar a ser um aspecto substancial do currículo das crianças. Assim, haverá uma parcela maior de aprendizado relativo ao ser interior, ao desvelamento do eu superior, à purificação do eu inferior e um conhecimento muito exato das leis que regem o discernimento de ambos, e também relativo à percepção da existência do eu máscara. A educação eliminará as máscaras prestes a serem formadas e fará a autopurificação começar precocemente. Esse é o trabalho de base de toda a educação, aprendizado e criatividade da nova era em qualquer campo.

O trabalho de base não será realizado apenas pelos pais – pois não há garantia nenhuma de que todos os pais tenham um grau suficiente de desenvolvimento para possuírem esse conhecimento e estarem, portanto, aptos a cuidar desse aspecto da educação das crianças; assim, será preciso que ele também faça parte do currículo escolar de todas as idades, começando já no jardim da infância e prosseguindo até a universidade. Dessa forma, uma grande parte da educação – como caminho fundamental para o aprendizado – tratará da percepção do eu superior. O conhecimento intelectual, então, se tornará secundário. Não que irá se tornar menos importante ou não importante, mas sim que poderá dar frutos. O intelecto precisa ser cultivado e usado como uma das ferramentas importantes. Sem que o intelecto apreenda e entenda essas leis e processos, a personalidade não pode nem começar a se aproximar do caminho para o eu interior. Se a mente não souber nem mesmo que existe um mundo interior a descobrir e explorar, ela jamais poderá tentar ir na direção certa, fazer os esforços apropriados, eliminar os entraves, reconhecer o que é um entrave e o que é um auxílio. Assim, a educação da nova era não é apenas uma questão de educação emocional ou espiritual. Ela é, de fato, a percepção e o entendimento da legitimidade. Assim como existem leis da química, da física, da matemática, para o homem entender, também as leis do mundo interior precisam ser aprendidas e entendidas.

A educação que virá tem outros aspectos. Por exemplo, a curiosidade da criança deve ser cultivada, para que o aprendizado seja profundamente interessante e fascinante. Infelizmente, não é de forma alguma o que acontece agora. Pelo contrário, a curiosidade inerente à criança é desestimulada. As crianças, desde muito novinhas, têm milhões de perguntas a fazer. Todos vocês sabem disso. Em geral, os pais e professores ficam aborrecidos, entediados e impacientes. Na melhor das hipóteses, dão respostas incompletas, respostas que dificilmente são honestas, ou respostas que deixam de levar a sério a pergunta e o perguntador.

Ora, é extremamente importante cultivar essa curiosidade pois, se ela for esmagada, o processo de aprendizagem se torna um sombrio “dever” que tira o espírito e a vida da aprendizagem. A curiosidade pode ser intrinsecamente empolgante, prazerosa, aventureira, e assim o seria se uma imagem de massa de aborrecimento não estivesse atrelada a ela.

Os pais, já nas primeiras fases das indagações, devem começar a respeitar a criança e alegrar-se com as perguntas feitas. Não precisam se esforçar e fingir que sabem mais do que sabem. Só precisam ser honestos e interessados. Se não souberem uma resposta, devem admitir, mas também dizer à criança que na escola elas obterão todas essas respostas. A criança deve ser estimulada a fazer novas perguntas, e até a anotá-las. Os pais também podem anotá-las. Os pais também podem fazer um esforço conjunto para descobrir respostas adequadas e corretas e informar as crianças. É preciso entender que é o espírito da criança que procura explorar o mundo, para dominá-lo e cumprir uma tarefa nele. Sem essa curiosidade, morre alguma coisa. Portanto, essa curiosidade é muito importante. Os pais podem procurar os professores do jardim da infância, e mais tarde os professores do

ensino fundamental ou outras pessoas que tenham condições de responder as perguntas. Devem, de fato, fazer um esforço nesse sentido. Todas as perguntas que a criança faz serão tratadas mais adiante no currículo escolar. Elas podem ser indícios das inclinações e direções especiais do espírito. Devem ser respondidas novamente, à medida que a criança cresce e pode absorver mais conhecimento.

As escolas vão saber que o espírito se aventura no reino terrestre e que a curiosidade é o sinal do senso de aventura que fez a entidade querer se encarnar e cumprir uma tarefa. Sob essa luz, as matérias tornam o aprendizado empolgante, em vez de uma dificuldade entediante, forçada, cansativa que só dá aos alunos a vontade de chegar ao fim e esquecer. O aprendizado se transformará em uma coisa almejada. Proporcionará muitas chaves para a vida. Fornecerá respostas profundamente desejadas à vida.

Isso é muito importante, meus amigos, muito importante para os pais que estão aqui e para os professores, mesmo que vocês ainda não possam criar um novo sistema escolar, um novo sistema educacional, um novo currículo. Mas o simples fato de conhecerem essas abordagens e poderem admiti-las na sua consciência dará a vocês uma nova percepção e gerará um novo clima no contato de vocês com o ser humano em crescimento.

O próximo aspecto sobre o qual quero falar com respeito a educação é o que por enquanto ainda é uma dificuldade para a maioria de vocês: encontrar o bom equilíbrio entre liberdade, escolha pessoal – como falamos na última sessão de perguntas e respostas – e disciplina pessoal. Embora eu tenha tratado desse tema em outros contextos, ele também se aplica ao aprendizado e à educação. A liberdade de querer aprender é importante. Se possível, nada de punições. Isso, naturalmente, depende muito da criação do clima adequado pela consciência do mundo adulto. Se o adulto acreditar que a aprendizagem é um sofrimento, uma tarefa dura e aborrecida, mesmo que não diga isso, ele vai influir nos sentimentos da criança. Se houver a atitude de que a aprendizagem e a lição de casa são “o preço a pagar” para poder se divertir, está implícita a suposição de que a criança detestará aprender. E isso é passado à criança, que acredita e acaba achando a mesma coisa, mesmo que exista a princípio a prontidão para se interessar pelo estudo.

A autodisciplina é muito necessária. Sem ela, nada se ganha, nada se consegue na vida, em nenhum aspecto. Liberdade e espontaneidade, por um lado, e autodisciplina, por outro lado, não se excluem mutuamente, como a maioria das pessoas acredita, mas são forças que interagem, se complementam, se ligam, e são interdependentes. Como a maior parte dos adultos acredita nessa dualidade (que a liberdade e a autodisciplina se anulam uma à outra), essa noção é fatalmente transferida para a criança. Talvez isso não seja dito explicitamente, mas está no ambiente, na expressão emocional, na consciência interior que se espalha e afeta a criança.

De acordo com essa crença, liberdade significa ceder à linha de menor resistência e, assim, tornar-se autodestrutivo. Ou, inversamente, autodisciplina significa o tédio da labuta sem recompensa. Pois bem, talvez a maioria de vocês, meus amigos, já tenham começado a ver como isso é falso, como essas divisões são desnecessárias e artificiais, e quanta carga elas impõem à substância da alma e à consciência interior, e portanto a toda a sua vida.

Vocês precisam se libertar dessa concepção errada no seu caminho, assim como os pais e os professores também precisam. Eles precisam aprender que, de fato, a verdadeira liberdade, com toda a sua alegria, com toda a sua autoexpressão libertadora, só pode existir na medida em que a autodis-

ciplina também existir. Vocês precisam fazer uma distinção muito clara entre a disciplina que é escolhida pela própria pessoa e aquela que é imposta de fora. A disciplina imposta de fora, se descartarmos a tirania, só deve existir quando a autodisciplina está ausente, quando adultos ou crianças agem de maneira destrutiva em relação ao ambiente ou a si mesmos. No que diz respeito às crianças, os atos autodestrutivos devem ser desestimulados pelos mais velhos. No que diz respeito aos adultos, dificilmente isso é possível ou desejável, mas não vamos entrar nessa questão agora.

O conceito da autodisciplina por opção própria, ao contrário da disciplina imposta quando a outra está ausente, pode ser explicado às crianças com a maior facilidade, quase sem nenhuma dificuldade. Uma criança é muito capaz de entender que a disciplina exterior é uma estrutura com características de “reserva à espera”. Em outras palavras, se a criança não reagir à liberdade de aprender, ou se não entender a necessidade de querer aprender, mesmo se isso às vezes significar a superação de uma resistência, a superação de uma tentação em fazer o que parece mais agradável no momento, a disciplina imposta de fora é essencial para ela e também para a comunidade. Se a criança conseguir aprender a decidir por si mesma, terá aprendido uma importante lição na vida. Se ela aprender a autodeterminação e a autorresponsabilidade, se acaso pautar por essa compreensão, ela terá adquirido um firme alicerce. Se puder dizer “sim, vou fazer a lição de casa agora e aprender a minha quota durante x horas por dia, embora emocionalmente eu preferisse ir brincar lá fora, porque entendo que isso, mais tarde, me proporcionará conhecimento, força, segurança, sucesso – tudo que acho desejável – e faço isso por livre e espontânea vontade”, ela terá aprendido a lição da verdadeira liberdade muito cedo na vida. E isso é, de fato, possível. A criança pode ser orientada de maneira muito explícita e também implícita para que esse aspecto se desenvolva nela, de modo que ela opte voluntariamente pela autodisciplina, sem necessidade de imposição de disciplina de fora. Esta deve existir sempre como uma reserva, a ser usada quando necessário, pois é claro que mesmo na nova era existirão pessoas ainda não suficientemente desenvolvidas para entenderem o que estou dizendo, e que vão agir propositadamente de modo destrutivo – crianças e adultos também.

No entanto, chegará o dia (não no tempo de vida de vocês) em que as leis exteriores deixarão de existir, em que cada ser humano será regido pela lei interior do seu eu divino e saberá o que é certo para ele. Ele não vai matar, roubar, prejudicar, destruir os outros. Mas não fará isso por medo da punição. Exceto quanto às leis relativas a essas infrações claras e evidentes, a humanidade saberá que não existe uma regra rígida aplicável a todos igualmente. Cada um estará suficientemente unificado a seu eu superior, a consciência e a integridade de cada um serão suficientemente fortes para fazer espontaneamente o que é certo, o que é justo, o que é necessário. Mas não fará isso por medo da desaprovação. A pessoa não será obediente em função da culpa ou da insegurança, mas saberá o que é “certo para ela”, estando ou não de acordo com as pessoas em geral. Cada um será capaz de agir assim porque também não existirá nele nem revolta contra a autoridade nem, o que é mais importante ainda, o desejo secreto de explorar os outros.

Hoje em dia, muito poucos seres humanos estão perto desse estado, de modo que a estrutura externa é necessária para quem precisa dela. Aqueles que não precisam dela não precisam que lhes digam o que fazer e o que não fazer. Eles querem ser fiéis à lei de Deus que, em muitos casos, mas não em todos, é semelhante à lei humana. As crianças podem aprender isso de formas muito específicas. Por exemplo, matérias que sempre pareceram difíceis e sem graça, como conhecimentos gerais, aritmética, ortografia e história continuarão a ser ensinadas, naturalmente. Na maioria dos casos, mesmo essas matérias serão muito mais interessantes com a nova abordagem que mencionei. Pois a criança tem curiosidade inata e quer saber muitas coisas. Se essa característica for fomentada e essas

matérias foram abordadas dessa maneira, muito da falta de graça do aprendizado deixará de existir. No entanto, sempre haverá ocasiões em que a inércia e a opção pela linha da menor resistência precisarão ser vencidas, até alguma coisa ser aprendida de fato. Para ultrapassar esse limiar, pode-se ensinar à criança os princípios que expliquei aqui sobre a necessidade e a liberdade da autodisciplina. Esse entendimento muito fundamental da autodisciplina como condição prévia da liberdade fará parte da educação elementar.

Portanto, em breve chegará o tempo em que a criança terá autodisciplina por livre e espontânea vontade, e o fará com alegria, porque a opção foi sua. Todo o clima interior de aprendizado, de educação será o de fomentar a aquisição do conhecimento pelo qual a alma da criança está efetivamente sedenta. Nesse aspecto, a abordagem e a consciência dos que ensinam serão fundamentais.

Uma criança é capaz de entender o que expus esta noite e anteriormente, na ocasião em que nos reunimos aqui e eu respondi perguntas específicas relativas à sua comunidade. Agora estou me referindo especificamente ao que disse sobre criatividade – que o processo livre e desimpedido de criação somente pode florescer depois de feito o tedioso trabalho de base, e que a opção livre por esse caminho (não por obediência, pela força de uma autoridade, com ressentimentos e revolta ocultos) é em si mesma uma grande satisfação, uma alegria que em pouco tempo elimina o tédio que pode ter havido a princípio. Esses princípios não são teorias. Quando forem ensinados, logo ficarão evidentes.

Portanto, meus queridos amigos, com essa abordagem será possível abrir caminho até a criatividade da alma, até o eu superior de cada criança. E, de maneira muito consciente e propositada, serão criados canais de dentro para fora, pelos quais o eu superior da criança se expressará, para imensa alegria dela e dos que lhe são próximos.

O processo de comunicação, naturalmente, é da maior importância. Estamos nos referindo também à comunicação em dois níveis: no nível consciente das palavras expressas, da explicação, das informações do maior gabarito que são o verdadeiro ensino; e também no nível da percepção, do sentimento, da consciência interior que não precisa ser necessária e integralmente expresso em palavras. Ambos os níveis exigem uma grande melhoria no sistema educacional. Assim como a criança quer ouvir, prestar atenção e aprender (quando faz perguntas), também quer ser ouvida. Ela tem uma grande necessidade e desejo de se expressar. Mas não tem muitas condições de fazer isso, pois com muita frequência sua autoexpressão é contida no mais simples dos níveis. O incentivo à comunicação dos sentimentos, dos pensamentos e das impressões, a obtenção de respostas e de feedback, como vocês dizem, é um aspecto muito essencial do desenvolvimento da personalidade.

Isso é igualmente importante no plano interior. É comum a criança perceber os sentimentos e pensamentos dos outros não expressos abertamente, reagir a eles, mas não receber incentivo para levar essas percepções a sério. Assim, ela não pode aprender (a) que não está fantasiando, mas sim de fato percebendo alguma coisa e (b) que às vezes suas projeções podem interferir e distorcer a qualidade de sua recepção. Se a lei da comunicação fosse ensinada desde cedo nesses diferentes níveis, a criança tomaria ciência de sua realidade. Creio que não é preciso frisar a enorme diferença que isso faria em sua vida, em sua relação consigo própria e com os outros. Se isso ocorresse, ela não deixaria de acreditar em suas reações nem as tomaria ao pé da letra. Aprenderia o processo da investigação, de adiar uma conclusão final, de sondar – tudo isso viria da livre expressão de suas impressões e do intercâmbio com professores e pais, e também com outras crianças.

Com respeito à interação nos diversos níveis, gostaria de mencionar uma nova fase do desenvolvimento de vocês (dos que estão no caminho) que constitui uma etapa intermediária. É muito importante que vocês entendam isso. À medida que vocês aumentam a consciência do seu eu inferior, de níveis de consciência e atitudes anteriormente ocultos, de materiais que vocês jamais quiseram admitir para si mesmos, automaticamente vocês se tornam mais cientes do eu inferior e do material oculto dos outros. À medida que vocês conseguem aceitar o seu eu inferior sem ficarem arrasados e se rejeitarem totalmente, mantendo o equilíbrio interior e sabedores de sua natureza divina fundamental, também a sua percepção do eu inferior dos outros não vai arrasar nem aniquilar vocês, nem fazer com que detestem e julguem os outros. Antes, quando vocês ainda estavam lutando contra parte do eu, toda percepção dos aspectos negativos dos outros provocava ansiedade e desconforto em vocês. Vocês sentiam isso como uma ameaça, assim como o seu eu inferior também era visto como uma ameaça. Vocês podiam até já ter percebido algum aspecto, mas de uma maneira distorcida que gerava desarmonia em seu íntimo. Com essa nova espécie de percepção, a consciência é diferente. Existem serenidade e certeza interiores. Antes, talvez as percepções fossem exatas apenas em parte, pois eram contaminadas com as suas projeções e sua necessidade de ver imperfeições nos outros, para aliviar a sua consciência. Agora, a percepção é clara e límpida. Isso gera um clima totalmente diferente.

Na medida em que vocês se aceitam completamente e se enxergam como são, simultaneamente como eu inferior e eu superior, enquanto a máscara começa a se desintegrar, a sua percepção do eu inferior do outro assume forma muito diferente. Vocês ficam muito livres. Entendem sem agitação. Percebem sem perturbação. Vêm com uma clareza que não gera raiva nem medo em vocês. Nesse estado, vocês podem escolher quando e como revelar suas percepções, se isso for adequado, e conseguir assumir o risco de provocarem uma mágoa em prol do possível benefício ao outro e ao relacionamento – ou não revelar algumas percepções, se isso for adequado. Quando existe essa percepção livre, vocês de fato passam ao outro a responsabilidade pelo que fazer com as atitudes e o comportamento negativos deles, quer isso seja ou não verbalizado. Esse “deixar o outro assumir a responsabilidade” acontece num plano de realidade muito sutil porém muito forte, que de alguma forma sempre é percebido. Parece que estamos nos desviando do tema, mas tenham paciência, pois vocês já vão ver que existe uma grande relação.

Quando essa etapa é atingida, ela se manifesta a princípio como uma espécie de etapa intermediária. Vocês chegam a um ponto em que já percebem o outro com mais clareza, sem interesse pessoal no que vêem, e portanto sem envolvimento pessoal. Podem já ser capazes de optar por verbalizar ou não suas percepções, conforme a inspiração intuitiva, e agir de acordo com ela. A essa altura, a liberdade que vocês têm de enxergar o material oculto gera muito ódio, raiva, hostilidade na outra pessoa. Ela sente, mesmo quando vocês não verbalizam suas percepções. O eu inferior fica furioso. A personalidade consciente pode não ter nenhum conhecimento do que se passa no nível subliminar de intercâmbio e pode criar uma justificativa, um raciocínio para explicar sua raiva. Nesse momento, é possível que vocês absolutamente não entendam porque provocaram uma raiva tão virulenta. É como se a outra pessoa não conseguisse suportar a clareza do seu conhecimento, e quisesse eliminá-lo e também a vocês. Vocês precisam passar por essa fase, pois trata-se de uma fase de aprendizado. Representa a passagem para um novo estágio. É a etapa intermediária. Vocês não estão mais onde estavam. Enxergam claramente, sem que isso os perturbe, sem ficarem magoados com o que vêem, sem interesse próprio e sem distorção. Mas o fato de verem gera intensa raiva e vigorosos

ataques por parte daqueles que ainda estão querendo ocultar o aspecto visto e que não têm nenhuma intenção de encará-lo, de admiti-lo, de mudá-lo.

Isso pode acontecer até com entidades invisíveis, não encarnadas, que estão em profunda escuridão e que lutam pela supremacia. Elas querem usar toda a munição que puderem reunir contra a clareza da luz que emana de vocês. É somente quando vocês entendem e se firmam que a luz fica tão forte que essas reações não lhes causam nem um simples arranhão. Pois a luz vai cegar essas entidades e mantê-las afastadas, mesmo quando elas lançam seus tentáculos de ódio.

Este princípio é extremamente importante de ser compreendido por aqueles que estão no estado de crescimento de penetrar nas incrustações da máscara, dissolvê-las e ao eu inferior. Pois seu relacionamento com o mundo sofre uma alteração. Ele deixa de funcionar no plano do fingimento mútuo ou das projeções e acusações mútuas que são necessárias para não encarar o eu inferior. Se a criança cresce com um claro entendimento desses princípios, vocês dão a ela uma enorme proteção. Pois, sem esse entendimento haverá confusão, medo e vulnerabilidade, que poderá criar uma nova defesa. Portanto, é da maior importância que todos os seres humanos em crescimento, quer iniciem o caminho na idade adulta ou na infância, dentro do novo sistema educacional, compreendam os princípios espirituais da interação dos níveis interiores. O indivíduo da nova era aprenderá esses princípios básicos da interação humana, da existência de diversos níveis na alma humana. Conhecê-los é tão importante quanto aprender os fundamentos da linguagem, da matemática, de qualquer outra matéria necessária. Mas as leis básicas da vida são ainda mais importantes.

É a isso que me referia quando mencionei o “aprendizado de vida”, ao falar às crianças do Centro de vocês. Esse “aprendizado de vida” abrangerá pelo menos 50 por cento do currículo. Será o estudo mais fascinante e influenciará e alterará o método de ensino de todas as outras matérias que toda criança aprende na escola hoje e que os adolescentes aprendem no ensino médio. Esse conhecimento abrangente da vida, do eu e do universo será um método muito inovador de introduzir à criança o universo onde ela vive, se movimenta e cria. O restante do aprendizado normal ficará mais fácil, mas também terá um novo sabor, a tal ponto que a disciplina que ele exige virá, na maioria dos casos, como algo espontâneo.

As escolas da nova era serão dinamicamente permeadas por uma nova consciência e uma nova percepção: a nova consciência e percepção onde a escola é a mais vibrante aventura que se pode imaginar. É ali que a vida se desenvolve, é ali que os segredos do conhecimento são transmitidos à criança. As crianças verão a escola como um privilégio almejado, embora o aprendizado também implique às vezes esforço e renúncia temporária a um prazer imediato. A criança se alegrará ao descobrir tudo o que sempre quis saber, quando puder descobrir como as coisas de fato funcionam. Será emocionante quando aqueles que instituem escolas, sistemas educacionais e currículos participem da nova consciência.

Essa visão, meus amigos, vocês devem cultivar, mesmo que por enquanto não possam colocá-la totalmente em prática. Vocês podem começar a instituí-la na sua consciência, e depois aqueles que ensinam poderão, pouco a pouco, por meio dessa visão, começar a transmitir o que devem transmitir dessa nova maneira. Não levará muito tempo até que vocês consigam instituir sua própria escola, mesmo que no começo os alunos não sejam muitos. Mas ela existirá e será um experimento que vai repercutir no mundo e gerar uma maneira totalmente nova de abordar a vida. Todas as perguntas que respondi em nossa última reunião sobre os diversos comitês formados no seu Centro, voltados

para todas as preocupações e aspectos da criação de uma nova cultura, também se espalharão pelo mundo e terão cada vez mais receptividade junto àqueles que estiverem espiritualmente prontos e ansiosos por essa abordagem. A nova espécie de política, ciência, economia, sociologia, arte – tudo que faz parte integrante da vida num mundo civilizado – será impregnada por essa nova abordagem, como também as artes de cura e a educação. O conhecimento do homem da realidade interior, decorrente do fato de ele seguir seu próprio caminho, proporcionará necessariamente uma perspectiva, uma abordagem, uma motivação totalmente diferentes em tudo o que fizer. O político amparado nesses princípios enfocará as ideias de governo e política mundiais de um ângulo necessariamente diferente do político comum de hoje. Este foi formado na escola da era antiga e seu referencial é a abordagem educacional e a consciência que ainda existem hoje. O velho enfoque se baseia sobretudo na aparência, nas atitudes superficiais, dualistas, voltadas para o ego. Naturalmente, o mesmo é verdadeiro com relação a todas as outras áreas da vida – o artista vai criar de outra maneira, o economista vai resolver seus problemas de outro ponto de vista, e assim por diante.

Mesmo aqueles que iniciaram este caminho – pelo menos a maior parte de vocês – na idade adulta já têm uma abordagem muito diferente de toda a vida e suas áreas de atividade na comunidade dos seres humanos. Imaginem como as crianças que crescerem num sistema educacional como que descrevi aqui, vão agir de maneira muito diferente sobre o mundo. Vocês podem imaginar como a verdade emanará com muito mais força, com muito mais vigor e de uma área muito diferente de dentro de cada pessoa. De fato, as leis de Deus, as leis do mundo divino, com sua permanente fluidez e flexibilidade, se derramarão sobre o mundo de vocês para criar um mundo novo.

Que esta palestra possa contribuir para o alicerce de mais uma estrutura, no sentido espiritual, e mais tarde até no sentido material. E que ela também ajude vocês a acolher mais esta semente em seu íntimo, mesmo que não se aplique direta e prontamente ao seu caso. Mas vai ajudá-los pessoalmente num sentido diferente. Ao verem que o caminho que trilham, a maneira como investigam o âmago do eu é a chave de uma nova maneira de abordar a vida, cujas consequências para a evolução têm alcance muito maior do que imaginam, talvez vocês também percebam que existe um vasto plano por trás do caminho individual, que transcende o destino de cada um, os problemas de cada um que podem ter dado o primeiro empurrão para a sua vinda até aqui, no que diz respeito à percepção consciente. Revela-se agora que o seu eu interior sabia mais e tinha em mente um plano mais vasto. Isso lhes trará luz, incentivo e força, em qualquer ponto do caminho em que estiverem. Sejam todos abençoados, meus queridíssimos amigos. Fiquem com a paz, a alegria e a beleza que cada vez mais aumenta em suas vidas.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation